

# Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## O COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

ANALISOU AS DIFICULDADES QUE LHE FORAM CRIADAS PELA REPRESSÃO E A SITUAÇÃO POLÍTICA NACIONAL E TOMOU IMPORTANTES RESOLUÇÕES PARA A DEFESA DO PARTIDO E PROSSEGUIMENTO E ALARGAMENTO DA LUTA POPULAR CONTRA O SALAZARISMO

No momento em que a repressão salazarista desenvolve os maiores esforços para atingir a Direcção e os melhores quadros do P.C.P., e cresce a onda repressiva de terror e violência contra as pessoas da oposição, através de todo o país, o C.C. do Partido reuniu para estudar novas medidas de defesa para o Partido e contra a repressão, para ver como alargar a unidade das forças oposicionistas e fortalecer a luta contra o odioso regime salazarista. O C.C. também analisou o caminho andado pelo Partido no reforçamento dos laços do internacionalismo proletário, que ligam a luta dos trabalhadores portugueses à luta dos outros povos pela paz, pela democracia e pelo socialismo.

Na Ordem dos Trabalhos da reunião do C.C. figuravam 3 pontos fundamentais: a) Defesa do Partido; b) Situação política; c) Internacionalismo proletário.

### Para uma melhor defesa do Partido

Ao tratar do primeiro ponto da Ordem dos Trabalhos o C.C. concluiu que os potentes movimentos de massas verificados no país durante e após as eleições presidenciais, ao mesmo tempo que alteraram num sentido favorável às forças democráticas a correlação de forças, isolaram mais ainda a camarilha salazarista, criaram ao regime a sua maior e mais grave crise.

«É no sentido de adiar a sua morte certa, ditada pela movimentação do nosso povo e favorecida pela evolução política à escala mundial, que o regime alargou e reforçou o seu já enorme aparelho repressivo e começou a desencadear desde o último período eleitoral uma violenta vaga de repressão que tem vindo a aumentar dia após dia, tomando as formas mais violentas, contra as forças da oposição e em particular contra o Partido Comunista e os seus militantes» — como se diz na Circular saída dessa reunião.

Ao mesmo tempo que analisou as brutais medidas repressivas desencadeadas pelas autoridades contra os trabalhadores industriais e agrícolas que lutam em defesa dos seus interesses vitais, o C.C. estudou também os actos de violência e perseguições desencadeadas pelas forças repressivas de Salazar contra as forças da oposição, desde os comunistas até aos agrupamentos militares e católicos.

«Porque o P.C.P. é a principal e mais consequente força política anti-salazarista, o regime fascista de Salazar concentra contra ele a sua principal acção repressiva, visando aniquilá-lo, ou, pelo menos, impedir que ele mantenha o con-

tacto com as massas que estão a desenvolver lutas reivindicativas de carácter económico e político.

Este objectivo, se fosse conseguido, representaria a melhor garantia para o salazarismo prolongar por mais tempo a sua permanência no Poder. Precisamente por isso, a PIDE orienta os seus principais esforços contra os comunistas e particularmente contra os funcionários do Partido e os membros do seu Comité Central».

Ao mesmo tempo que prestou homenagem à heróicidade de mais de duas dezenas de camaradas da direcção do Partido ou do seu quadro de funcionários presos nos últimos tempos, o C.C. do Partido salientou como nem as torturas nem as mais bárbaras violências da PI

DE conseguiram arrancar qualquer declaração prejudicial ao Partido ou à luta democrática a esses honrados filhos do nosso povo. A prisão destes e de outros militantes destacados foi um rude golpe não somente para o Partido Comunista mas também para o conjunto das forças democráticas portuguesas.

Estes golpes sofridos pelo Partido Comunista criaram naturalmente dificuldades, atrasaram a sua acção política, mas não conseguem impedir que o Partido continue a ser a principal força política da Oposição. Ao contrário do que desejam e esperavam os inimigos do povo, estes rudes golpes não conseguiram esfrangalhar o Partido, este «*não foi nem será jamais*

(continua na 2.ª pág.)

## SALAZAR QUER AFOGAR EM SANGUE

O DESEJO DE INDEPENDÊNCIA DOS POVOS DAS COLÓNIAS PORTUGUESAS EM ÁFRICA

O odioso sistema colonialista caminha rapidamente para o seu fim, pulverizado pela luta dos povos coloniais sedentos de liberdade e independência. O movimento libertador que já varreu de vastas regiões do globo o domínio imperialista alarga-se cada vez mais a novas regiões da Ásia e da África, alenta todos os povos subjugados e faz prever para breve a liquidação total do colonialismo opressor.

Também os povos das colónias portuguesas começam a enveredar decididamente pelo caminho da luta pela sua independência e nada nem nenhuma força os poderá impedir de conquistá-la. Os povos de Goa, de Angola, de Moçambique, da Guiné e das outras colónias portuguesas conquistarão a sua liberdade e independência e a tarefa do povo português é de apoiá-los decididamente na sua luta, ajudá-los por todos os meios, combater intransigentemente o inimigo comum.

A causa dos povos das colónias portuguesas é a própria causa do povo português. Ela merece a simpatia e o apoio activo de todas as pessoas progressistas de Portugal e em primeiro lugar da classe operária portuguesa.

Esse apoio activo importa materializá-lo pois Salazar apressa os preparativos para mover aos povos subjugados pelo colonialismo português uma verdadeira guerra colonial com todas as suas atrocidades e destruições que a ir por diante cobrirá de desonra e de opróbrio o nosso povo.

Salazar reforçou extraordinariamente o seu aparelho repressivo contra os povos de Angola e Moçambique, Guiné e S. Tomé e Príncipe. Nos principais centros dessas colónias a odiosa PIDE dá largas

ao seu banditismo prendendo e torturando em massa os patriotas negros que se levantam contra a escravidão da sua Pátria. Só em Luanda foram recentemente presos cerca de 60 patriotas alguns dos quais sucumbiram já às bestialidades da PIDE.

Agricultores do Alto Malange que procuram libertar-se das cadeias dos monopólios comerciais portugueses, formando cooperativas e desenvolvendo um comércio interno livre são barbaramente perseguidos e maltratados pelas forças repressivas.

Ao mesmo tempo Salazar intensifica os preparativos militares para desencadear operações guerreiras contra os povos de Angola, Guiné, Moçambique, S. Tomé, etc.

Foram ainda há pouco as demonstrações de tropas paraquedistas em vários pontos de Angola para que obrigaram a comparecer à força populações inteiras, foram os exercícios de napalm pela aviação tudo com o evidente objectivo de intimidar o povo de Angola. O sub-secretário da Aeronáutica nas suas andanças por Angola proferiu ameaças claras de desencadear operações militares contra o povo angolano no caso deste tentar recuperar a sua independência. Agora o sub-secretário do Exército foi a Angola e Guiné com idênticos objectivos e nas várias unidades militares da metrópole intensifica-se o recrutamento de tropas mercenárias para as colónias portuguesas ao mesmo tempo que se enviam novos contingentes para Angola, Moçambique e Guiné.

O Ministro das Colónias por sua vez realiza em África os contactos com as restantes potências colonialistas afim de coordenar com elas a ofensiva contra os povos africanos.

O Ministro fez na África do Sul inequivocas afirmações quanto às intenções agressivas do governo português.

Salazar não hesita mesmo em apelar para os imperialistas americanos no sentido de intervirem mais abertamente nas colónias portuguesas oferecendo-lhes para isso riquezas que são pertença desses povos.

Tais riquezas despertam o apetite dos parceiros «atlânticos» de Salazar. Assim nos últimos 5 meses deslocaram-se a Angola e Moçambique os embaixadores em Lisboa dos Estados

Unidos, da Inglaterra, da França, da Alemanha e da Bélgica.

Os objectivos de rapina e de agressão contra os povos das colónias portuguesas são evidentes em todos estes actos e visitas dos colonialistas portugueses e estrangeiros.

Porque Salazar se encarniça tanto contra os povos das colónias portuguesas? Por que Paulo Cunha e outros negreiros apelam tanto à repressão da luta dos povos subjugados pelo colonialismo português?

Eles fazem-no para defender os sórdidos interesses dum punhado de roceiros e monopolistas portugueses e estrangeiros que arrancam lucros fabulosos à custa da desenfreada exploração dos povos africanos.

É bastante significativo que em 1956, por exemplo, a taxa de dividendo das sociedades anónimas com sede em Portugal que actua nas colónias tenha sido de 19,57%, enquanto que a taxa de dividendo das sociedades que actua na metrópole foi de 9,37%.

Das 261 sociedades anónimas com sede em Lisboa com um capital total de 18.458.931 contos, pertenciam a 10 companhias coloniais 4.011.425 contos. Quer dizer, menos de 4% destas sociedades dispunham de cerca de 22% de todo o capital bolsista de Lisboa.

Os lucros fabulosos que tais capitais proporcionam são obtidos à custa da mais horrenda miséria dos povos coloniais, do roubo das suas riquezas, da exploração mais infame dos seus filhos.

O nosso povo não está disposto a deixar-se arrastar a uma guerra colonial para defender os mesquinhos interesses desta gente. Além de que uma guerra colonial lançaria Portugal na maior ruína, devoraria juventude e bens ao serviço duma causa injusta e comprometeria as relações futuras de Portugal com os povos desses países que quebrarão, sem sombra de dúvida, mais dia menos dia, as algemas do colonialismo português.

A classe operária portuguesa enviará todos os esforços para que os desígnios de Salazar e o seu grupo de colonialistas não sejam realizados e para que se dê aos povos das colónias portuguesas a possibilidade de conduzirem os seus próprios destinos.

Que os colonialistas portugueses tirem as mãos da África!

Que o nosso povo responda ao apelo de independência dos povos das colónias portuguesas apoiando por todos os meios a sua justa luta.

(continua na 6.ª página)

# A REUNIÃO DO COMITÉ CENTRAL

(continuação da 1.ª pág.)

*aniquilado e mantém-se na vanguarda da luta anti-salazarista*

Depois de lembrar outros períodos de feroz repressão na história do Partido e das consequências dessa repressão nas suas fileiras, o C.C. salientou que sempre o nosso Partido soube vencer essas crises ao mesmo tempo que manifestou a sua inteira confiança na capacidade de defesa das organizações do Partido, desde a sua direcção até à base. «O Partido, unido como um só bloco, saberá enfrentar as dificuldades» — salienta a Circular saída dessa reunião.

## O combate ao liberalismo e à indisciplina

O C.C. constatou que o clima político que se viveu durante e após o acto eleitoral, juntamente com as exigências e solicitações da luta, sobrecarregaram todo o aparelho ilegal do Partido com novas tarefas práticas «criaram certo ambiente de euforia que facilitou o aparecimento de concepções legalistas e liberais que conduziram ao atropelo das regras conspirativas e ao relaxamento da disciplina partidária». «Em ligação com isto verificou-se um afrouxamento da crítica e da auto-crítica e da vigilância revolucionária que, entre outras coisas, facilitou a promoção de indivíduos que, após a sua prisão, traíram miseravelmente o Partido e o povo, concretamente os miseráveis Marinho, Manuel Amador e José Malaquias». «Estas traições permitiram à PIDE localizar camaradas, organizações e métodos de trabalho que levaram à prisão de camaradas, ao assalto de casas do Partido e criaram novas e sérias dificuldades à defesa e às tarefas do Partido». O C.C. concluiu que uma das armas a que o governo e autoridades salazaristas estão a deitar mão para tentar criar confusão nas massas e a divisão nas fileiras da Oposição são as calúnias anti-comunistas. Essas calúnias tomam as mais diversas formas e vão desde a afirmação de que o Partido «está ao serviço do estrangeiro» até que é orientado pelos dirigentes de outros partidos comunistas irmãos, ou que recebe fundos do estrangeiro, etc.. Esta campanha de calúnias dos fascistas visa, naturalmente, tentar tornar o Partido Comunista odioso aos olhos dos patriotas e tentar justificar a repressão feroz que contra ele é exercida pela odiosa PIDE. O passar do tempo e a lição dos factos se encarregarão de demonstrar a falsidade das calúnias fascistas que de resto vão encontrando um número cada vez menor de ouvintes dispostos a aceitarem essas atoardas.

Depois de ter analisado todos estes aspectos do trabalho do Partido e de ter feito um trabalho de crítica e de auto-crítica ao seu próprio trabalho de direcção, o C.C. tomou todo um conjunto de medidas tendentes a reforçarem a defesa do Partido e o cumprimento de certos princípios básicos dessa defesa. Essas medidas de defesa podem resumir-se nos seguintes pontos:

a) Respeitar e fazer respeitar em todo o Partido os princípios leninistas da disciplina partidária, do cumprimento das resoluções, da crítica e da auto-crítica e da vigilância revolucionária de classe.

b) Discussão obrigatória nas reuniões do Partido do trabalho de organização e da situação conspirativa. Controle de execução das decisões tomadas. Cuidados na ligação do trabalho legal com o ilegal.

c) Modificação do estilo de trabalho do Partido do topo à base. Naturalmente que estas resoluções, se não forem levadas à prática, se não houver em todo o Partido, do topo à base, um esforço persistente para as transformar numa realidade política, por si só não poderão bastar. Importa, por isso, respeitar estas resoluções, fazer delas o guia da acção diária de todos os militantes do Partido.

Na Circular elaborada pelo C.C. na sua reunião, são precisadas estas tarefas e são dadas explicações às organizações do Partido de certas medidas tomadas, como, por exemplo, a possibilidade do corte temporário, em virtude da repressão, de contacto com algumas organizações ou quadros do Partido. Em qualquer circunstância, o C.C. lembra que é dever de todas as organizações e militantes manterem-se firmes nos seus postos e proseguirem com a sua acção revolucionária mesmo que temporariamente possam ter perdido os contactos com a direcção do Partido.

O C.C. terminou este ponto da sua Ordem de Trabalhos salientando que «a existência do Partido Comunista, do Partido da classe operária portuguesa, é essencial para a luta do nosso povo, não sómente para assegurar o derrubamento do salazarismo, mas também para assegurar posteriores transformações de carácter democrático e social». Na defesa dessa existência preciosa estão empenhados milhares de portugueses, estão empenhados os melhores filhos do povo português. Por isso mesmo «o Partido é invencível porque invencível é a causa do povo que representa».

## A situação política nacional e a acção do Partido

O C.C. incidiu depois a sua atenção sobre a situação política nacional, as suas perspectivas imediatas e as tarefas do Partido no momento presente.

Principalmente, o C.C. debruçou-se sobre a situação angustiosa das classes trabalhadoras, sobre a acção do Partido na mobilização destas classes, na luta pelo melhoramento das suas condições de vida e de trabalho, sobretudo na luta pela conquista dum aumento imediato de salários, jornas e ordenados, mantidos a um nível de miséria pelos governantes salazaristas, e encarou medidas para o melhoramento posterior da acção do Partido neste terreno.

Estas lutas entroncam na campanha nacional pela demissão de Salazar, que é neste momento todo o fulcro da acção política do Partido e das outras forças anti-salazaristas.

A campanha para a demissão de Salazar lançada pelos democratas de Braga, Porto e Lisboa, encontrou o mais profundo eco em todas as camadas da população. O interesse das massas populares por esta campanha, as variadas acções que a caracterizaram até agora, põem na ordem do dia a preparação e organização de uma tal iniciativa, que deve ser objecto dos esforços con-

juntos de todas as forças anti-salazaristas para o que se impõe chegar a acordo sobre os variados aspectos da sua preparação e realização.

O C.C. considerou que uma tal jornada de luta poderá ser um passo decisivo para o afastamento de Salazar se a ela aderirem todos os portugueses e portuguesas desejosos de uma mudança de rumo na política nacional.

No final da discussão o C.C. aprovou um documento dirigido à nação no qual, depois de analisar a situação económica e política do país, se apela para a acção unida de todas as forças anti-salazaristas na luta sagrada pela liberdade da pátria, pela demissão de Salazar, constituição dum governo de portugueses honrados que encaminhe Portugal na via da democracia.

## O salazarismo está mais fraco hoje do que ontem

O documento do C.C. desenvolve, em primeiro lugar, a correlação de forças no plano nacional e internacional para concluir que a situação actual é francamente favorável às forças democráticas e anti-salazaristas.

«Pode-se por isso dizer afoitamente — conclui o documento neste capítulo — que o salazarismo está hoje mais fraco do que ontem e estará mais fraco amanhã do que hoje. O tempo joga inexoravelmente contra Salazar e tanto mais quanto mais unidas estiverem as forças que se lhe opõem».

## Do descontentamento à acção

O documento faz em seguida um balanço das lutas travadas nos últimos 7 meses cuja expressão mais brilhante foi a greve vitoriosa de mais de 6.000 pescadores da Costa Norte do país que durou 70 dias. Milhares de operários industriais e agrícolas e pescadores do Porto, do Minho, das Beiras, do Oeste, de Lisboa, da Margem Sul do Tejo, do Alentejo e do Algarve lançaram-se em dezenas de lutas de muitos milhares de trabalhadores, lutas que foram das simples exposições até às reduções na produção e às greves.

Igualmente a intelectualidade progressiva, os estudantes, os pequenos e médios agricultores, industriais e comerciantes, largos sectores das forças armadas e outros portugueses se manifestaram das formas mais variadas contra a política salazarista.

Nestas lutas «todos — comunistas, socialistas, republicanos, monárquicos liberais, católicos e mesmo muitos que ainda num passado recente apoiavam Salazar» manifestam-se contra a repressão, pela amnistia total aos presos políticos, pelas liberdades democráticas.

«É bem toda a nação que exige melhores condições de vida e uma viragem radical na política portuguesa. A nação deseja de maneira definitiva que Salazar se vá embora»

## Uma política orientada contra o povo

Um tal desejo radica-se na consciência cada vez mais ampla de que as consequências da política

de Salazar pesarão duramente sobre as massas populares.

Toda a política salazarista se orienta para a defesa dos monopólios portugueses e estrangeiros. Salazar compra o apoio ao seu regime com a entrega aos monopolistas estrangeiros, e em primeiro lugar aos americanos, de vastas riquezas em Portugal e nas colónias. A sua submissão à política de guerra do imperialismo americano, a sua odiosa política colonialista «consubstanciada na expoliação e na repressão mais feroz contra os povos que aspiram e lutam pela sua liberdade e independência», a sua ruinosa política económica criaram uma situação de aguda crise que cai principalmente sobre os ombros das classes trabalhadoras.

«Crise económica e crise política, — eis o panorama actual da vida portuguesa».

Como consequência desta política acentua-se o isolamento do salazarismo, a decomposição, a corrupção e o descrédito do regime.

É toda «uma política anti-nacional, que o nosso povo deseja ver terminar rapidamente afim de abrir ao país novos caminhos que o conduzam a uma vida mais bela, mais livre e feliz».

## A solução do problema político português

O documento do Comité Central aborda em seguida a questão da solução do problema político português, salientando que todas as forças anti-salazaristas se pronunciam inequivocamente por uma solução de carácter pacífico que exclua uma luta fratricida entre portugueses.

A este desejo pacífico da esmagadora maioria da nação «Salazar responde com a intensificação, do terror e da repressão, com o assassinato, torturas e espancamentos de patriotas, com a metralha contra o povo indefeso, com as prisões em massa».

«Os salazaristas esforçam-se por fechar uma a uma as possibilidades de largarem o Poder por meios pacíficos e tentam empurrar por todos os meios o país para uma solução de força onde esperam esmagar o movimento popular contra o seu regime».

É um jogo perigoso para Salazar e os seus comparsas desviar o nosso povo dos seus pacíficos anseios e colocá-lo ante a necessidade de responder à violência dos governantes com a violência. As forças que incitam Salazar a seguir um tal caminho «assumem, por isso, pesadas responsabilidades ante a nação e comprometem gravemente o seu futuro político».

É preciso, porém, confiar que o nosso povo terá ainda a força suficiente para impedir a realização dos desígnios sangrentos de Salazar e que as forças que o apoiam acabem ainda por dar provas de sensatez política.

## A unidade de acção é a mola que fará saltar Salazar do Poder

Contra esta política provocadora de Salazar devem unir-se todas as forças anti-salazaristas numa só frente de combate e mobilizarem

(continua na 5.ª pág.)

# DESPREZO E HOSTILIDADE DO POVO DO NORTE A AMÉRICO TOMÁS

A viagem do almirante Américo Tomás ao Alentejo, Algarve e Setúbal foi caracterizada pela indiferença e hostilidade das massas. Recolhendo a amarga experiência deste fracasso, os fascistas usaram uma nova tática na viagem do caixeiro viajante do salazarismo ao Norte. Fizeram coincidir a sua viagem com as festas populares do S. João no Porto e em Braga, com a Feira do Ribatejo em Santarém e a do Colete Encarnado em Vila Franca de Xira.

Esta manobra teve o objectivo de apresentar ao país e ao estrangeiro o povo que foi a esses festejos como manifestantes que saudavam o usurpador Américo Tomás e o regime fascista de Salazar.

A imprensa, a rádio, e toda a máquina de propaganda fascista foram postas ao serviço destas viagens, chegando ao extremo de falsificar, por sobreposição, fotografias que saíram em jornais diários apresentando grandes massas de gente em locais onde só esteve um reduzido número de pessoas.

Mes estas manobras não deram, porém, o resultado que os fascistas esperavam. O povo do Norte que ainda há um ano acolhera apoteoticamente o General Humberto Delgado, estava agora, ou ausente, ou silencioso, ou participando na agitação e nas acções de protesto contra o presidente-fantoches e o regime odioso que ele representa.

O «Avante!» descreverá nesta breve reportagem, a forma como em verdade o valente povo do Norte recebeu o fantoches Américo Tomás, caixeiro-viajante do fascismo.

## NO PORTO

A maioria das pessoas que assistiram à chegada de Américo Tomás ao Porto eram, além dos fascistas notórios, dos agentes da PIDE e legionários, crianças das escolas, representações de algumas colectividades que foram coagidas a comparecer com os estandartes, bombeiros, polícias da PSP e outras forças armadas.

Na concentração organizada pelos fascistas defronte da Câmara Municipal, e apesar de terem trazido da província algumas camionetas com legionários e manifestantes pagos, quando Américo Tomás saiu da Câmara não havia mais que 300 pessoas. Os apelos aos «vivas», feitos através dos alto-falantes, não lograram mais do que as breves e ensaiadas respostas das crianças das escolas e os gritos histéricos dos fascistas. Entretanto os cafés da Praça e da Avenida dos Aliados estavam repletos de gente, mas poucas foram as pessoas que saíram à rua quando passou o cortejo presidencial. Além disso poucas janelas engalanadas, raras cabeças espreitando e, caso significativo, algumas janelas enfeitadas, com bandeiras hasteadas, mas desertas.

No dia da chegada, os operários recusaram-se a largar o trabalho e o patronato limitou-se a facultar a saída a quem quisesse. O movimento dos transportes colectivos foi como nos outros dias, excepto na ponte e na Avenida, onde a polícia, meia hora antes da chegada de Américo Tomás, mandou parar o trânsito para, assim, arranjar cortejo automobilístico.

Na noite de S. João, no Palácio de Cristal os aplausos do povo foram para os ranchos folclóricos e quando Américo Tomás chegou, foi recebido com hostilidade e indiferença.

As crianças foram esperar o usurpador Américo Tomás debaixo da ameaça e da coacção. Um professor de Pedrouços (Arousa) distribuiu bandeirinhas às crianças com a ameaça de que se não fossem esperar o sr. presidente não as levaria a exante.

Em vários pontos da cidade viam-se muitas inscrições: «*Fora com Salazar*», «*Abaixo a PIDE*», «*Amnistia*», «*Vida Humberto Delgado*». Milhares e milhares de manifestos e tarjetas eram passados de mão em mão e favoravelmente comentados pelo povo.

## EM BRAGA

Apesar dos milhares de forasteiros que, como nos demais anos, acorreram a Braga para os festejos do S. João, apesar das camionetas da Legião andarem numa roda viva a transportar gratuitamente gente das aldeias, também ali se verificou a frieza e a hostilidade.

Quando Américo Tomás estava

para chegar a Braga, foi alterada a hora da procissão de S. João, para evitar que o povo se concentrasse todo nessa manifestação religiosa. Para atrair o povo aos locais próximos da Porta Nova, local de entrada de Américo Tomás na cidade, a Câmara pôs os 60 ranchos folclóricos a dançar no pátio fronteiro ao Município. Na altura da recepção os alto-falantes convidavam o povo a espalhar-se pelas ruas, onde dentro em pouco passaria o Tomás. Como o povo não obedecesse, a polícia começou a encaminhá-lo para lá. Os alto-falantes faziam apelos a «vivas», aos quais o povo não correspondia. Aos estudantes liceais e da escola técnica foram feitas ameaças de carácter escolar (perder o ano) se não fossem à manifestação.

Os apelos de «vivas» não eram correspondidos. Quando Américo Tomás chegou ao largo do Município, a banda da Marinha tocou «A Portuguesa». Alguns fascistas tentaram que ela fosse cantada em coro. Para isso começaram a cantar, mas ao segundo compasso, por falta de acompanhamento, tiveram de desistir.

Cerca da meia noite Américo Tomás foi ver o rancho Gonçalo Sampaio à Avenida. Foi recebido com hostilidade. No meio do silêncio que se formou, ouviam-se assobios enquanto a polícia dizia: «Levantem-se que é o sr. Presidente da República». Durante a manifestação um ardina andava a vender fotografias do Tomás e de Salazar. A dada altura foi suprimido pela polícia com o seguinte pregão: «Dois vigaristas por vinte e cinco tostões!».

tas por vinte e cinco tostões!...

Como protesto contra a ida a Braga do usurpador Américo Tomás foi feita na altura da sua chegada a esta cidade uma larga distribuição de manifestos e tarjetas que foram recebidas com entusiasmo. Muita gente começou a colaborar na sua distribuição. A propaganda era apanhada do chão, levada para outros sítios, ou atirada das janelas dos eléctricos.

## Em Guimarães

Em Guimarães novo malogro. Para a manifestação ao Almirante Tomás foram buscar muita gente às aldeias. Duas camionetas dos transportes colectivos da Câmara de Braga andaram a transportar gente do S. João de Braga para esta cidade.

Foram utilizados os cantoneiros, as crianças das escolas, militares e outros elementos para engrossar a manifestação.

A maioria da indústria esteve parada, mas nem por isso os operários compareceram, e os que compareceram adoptaram uma posição silenciosa. Nas zonas cutileiras de Creixomil, e Sande, à passagem do cortejo os operários e seus familiares, sentaram-se nas valetas, silenciosos.

## Em Viana do Castelo

Em Viana, para a recepção, dois comboios e duas camionetas transportaram a expensas da Câmara, gente das aldeias.

Notaram-se várias reacções por parte dos comerciantes contra a colocação de fotografias de Américo Tomás nas montanhas e de mesma forma se notaram reacções por parte da população em relação às bandeiras que a Câmara distribuiu de porta em porta.

Cerca de 40% dos efectivos do Batalhão de Caçadores 9 foram vestidos à paisana (calça preta e camisa branca) e incorporados nas manifestações transportando disticos de apoio ao regime.

As centenas de lavadeiras estacione-

das de um lado e de outro da ponte e que durante o trajecto de Américo Tomás lhe lançaram flores, foram pagas a 10\$00. Todos os asilados do Albergue distrital foram obrigados a incorporar-se na manifestação.

Os alto-falantes quando Américo Tomás chegou à ponte começaram a pedir vivas mas não foram correspondidos.

Tanto antes da visita como durante esta, foi feita larga distribuição de tarjetas e manifestos que foram muito bem recebidos pelo povo.

Antes e durante a visita do Tomás estiveram em Viana 150 agentes da PIDE.

## Uma surpresa em Paradeia

Em Paradeia, quando da inauguração da barragem, procedeu-se ao desceramento dum marco comemorativo. No acto da inauguração, quando foi retirada a bandeira portuguesa que cobria o marco, apareceu o retrato do general Humberto Delgado

Em Felgueiras, Vizela e St.º Tirso

Em numerosas estradas do Minho e Trás-os-Montes os carros da caravana tiveram várias vezes furo em resultado dos tachos que o povo deitou na estrada.

EM FELGUEIRAS, talvez impressionado com a enorme quantidade de inscrições anti-salazaristas nas paredes e na própria estrada, Américo Tomás não queria sair do carro quando este parou em frente da Câmara. O Presidente da Câmara, envergonhado, teve então um gesto teatral. Atravessou o seu carro à frente do Tomás e disse: «Se V. Ex. não se apia eu demito-me». O Tomás saiu mas este incidente aliado ao volume da agitação é assunto de todas as conversas.

EM VIZELA, quando da passagem do cortejo presidencial afirraram para o automóvel de Américo Tomás, feijão e batatas.

Em St.º Tirso, quando da passagem de Américo Tomás por esta localidade e perante os apelos insistentes dos fascistas para se darem «vivas ao Sr. Presidente da República», deram-se vivas ao general Humberto Delgado e à República.

## Em Leixões

Quando do embarque de Américo Tomás para Aveiro, os barcos de pesca foram «convidados» a comparecer, o embendear e a apitar. A indignação entre os pescadores era geral por esta imposição. Vários barcos não embendearam e muitos não apitaram.

A maior bronca deu-se, em Corcavalos (Matosinhos). Na estrada apareceram muitas crianças rotas, descalças, e algumas nuas, acompanhadas por muitas mulheres novas e velhas, também rotas e descalças. Quando a caravana de automóveis apareceu foi obrigada a abandonar a marcha por a estrada estar ocupada por uma multidão de esfarrapados que no maior silêncio quis assim mostrar a sua miséria ao usurpador e à sua comitiva.

## Em Aveiro

Em Aveiro, Américo Tomás foi recebido pelo povo com igual frieza. Sabe-se agora que a Câmara vai lançar a toda a população uma contribuição especial para cobrir os milhares de contos que gastou com as festas.

Reina aqui o maior descontentamento e o povo diz que tem de pagar a propaganda política dos fascistas. Como se vê por este breve relato, o valente povo do Norte fiel às suas tradições liberais e democráticas recebeu Américo Tomás, o laçao de Salazar, como ele merecia. O povo do Norte não escutou a propaganda fascista, escutou sim a voz da razão, do seu nome, da sua miséria e do seu descontentamento.

Este acolhimento frio e hostil aos fascistas, tanto no Sul como no Norte do País, são mais uma prova de que o povo português está contra o salazarismo e deseja uma modificação na política nacional.

A elevada compreensão política das massas mostra a todas as forças democráticas que é tempo de nos unirmos de intensificar e coordenar todas as acções portuárias e de trabalhadores afinadamente para uma jornada nacional pacífica pela demissão de Salazar como primeiro passo para uma mudança de regime e de governo.

## TRIBUNA DO LEITOR

Um jovem soldado que esteve na Índia escreveu a seguinte carta para o «Avante!»

«Começo por contar como decorreu a viagem, desde o Cais de Santa Apolónia até ao Cais de Mormugão.

A viagem propriamente dita foi boa porque não houve vendavais, a não ser o da fome, das más condições do dormida e das más condições de distribuição da precária alimentação nas horas das refeições. Estas eram distribuídas a um 1.º cabo que por sua vez a distribuiu a 10 soldados e, por falta de referatórios, eram obrigados a comer sentados no chão.

As camas eram apenas os colchões nos beliches e dois e a três e melidos nos porões até à 4.ª coberta. Aquilo não eram condições de transporte para seres humanos, mas sim para animais.

Enfim, chegámos ao nosso destino — Mormugão. Ali tudo era pobreza e desolação. Os soldados andavam rotos e mal calçados; alguns que andavam melhor vestidos era à conta própria. Os civis, os pobres gooses, dessas quase descejava não falar, tal é a sua miséria. Descalços, quase nus, apenas com um pedaço de pano já velho tapando as partes genitais. As mulheres partilhavam da mesma miséria, descalças, apenas usam um sari, nome que dão a uma peça de tecido com que enrolam o seu corpo. Fazem trabalho idêntico ao dos homens, assim como dar serventia na construção civil, canalizações, esgotos de águas, trabalham nas minas, carregam minério para os barcos, etc.

E para o interior de Goa, ou seja longe das povoações de maior importância, a vida dos pobres gooses é ainda mais difícil e carregada de miséria!

A alimentação dos trabalhadores consistia apenas de arroz de caril, prato característico dos indianos a todas as refeições e uma pinga de chá. Tomam eu e os meus colegas muitas vezes tivemos de comer

arroz de caril e carne de certos animais que me envergonho de revelar o nome, tudo por falta de alimentos necessários.

Quanto à maneira como os gooses encaram a sua situação e a situação de Portugal no território indiano, eu por mim confesso, muito embora não tivesse ouvido da boca de nenhum deles, que não há um goós que aceite com agrado a litoria portuguesa, a não ser algum capitalista. Ninguém vê com bons olhos os portugueses que estão na Índia. Eu posso falar por experiência própria pois permaneci em Goa durante 30 meses em serviço obrigatório, dos quais 16 meses andei pelas fronteiras e interior de Goa, percorrendo-a de pés e de mãos. Em todo este tempo lidei com todas as raças existentes em Goa (e não são poucas) e nenhuma há que aceite a «emizade» dos portugueses. Na nossa presença tudo corre bem até porque eles nos temem, mas na ausência tudo fazem por nos contrariar.

Não quero fazer mais e para não me lembrar da viagem de regresso que foram mais 30 dias de sacrifícios, não vos falo dela. Era o regresso ao lar paterno e ao convívio dos que mais nos eram queridos, por isso não dou conta das más condições dessa viagem.

## 4 decilitros de vinho

não chegam...

Quando o Américo Tomás visitou o Algarve em 9.5.59, os donos de Palma reuniram todos os seus gados e também os seus 1.700 homens, mulheres e filhos em 2 filas ao longo da estrada nacional.

A chegada do Tomás, o patrão Chico gritou para os trabalhadores: «Tirem o chapéu e deem vivas!». Mas nem os homens nem as mulheres tiraram os chapéus e deram vivas, tirando um do outro, mas logo outros companheiros gritavam a fazer troca.

E os patrões tinham dado a cada homem e mulher 4 decilitros de vinho para que dessem vivas. Um trabalhador



# UNAMO-NOS CONTRA A REPRESSÃO FASCISTA!

## TARIFAS, MONOPÓLIOS E POLÍTICA

A feroz repressão fascista continua a cair sobre os patriotas portugueses. Salazar começou a governar exclusivamente através da PIDE, dos tribunais de excepção, de atropelos de toda a ordem dos mais elementares direitos e liberdades dos cidadãos. Nada é respeitado pela PIDE que devassa os domicílios e os locais públicos, viola a correspondência e atira para a prisão centenas de portugueses, submetendo-os a torturas bestiais. Tudo isto é abafado por uma feroz censura à imprensa que procura envolver numa cortina de silêncio os crimes do regime.

São os comunistas os principais alvos da repressão. Mas esta passou a atingir outros sectores: católicos, militares, estudantes e mulheres sem filiação partidária, etc., transformando-se numa verdadeira repressão de massa.

Os jovens democratas Carlos Aboim Inglês e Carlos Brito foram submetidos à tortura da privação do sono e o último foi brutalmente agredido à coronhada no acto da sua prisão. O democrata António Santo, de Torres Novas está a ser submetido a selváticas torturas.

O dirigente da JOC, Manuel Serra teve que ser hospitalizado devido aos maus tratos que lhe foram infligidos e alguns padres encontram-se presos. O jovem Paixão, de Alhandra, teve de receber tratamento psiquiátrico devido às torturas de que foi vítima. Também outro jovem de Alhandra, Garrão, devido aos maus tratos recebidos, tuberculou na prisão. Um operário da construção civil de Silves, Domingos Rosa, foi barbaramente espancado em Portimão pelo Pide Daniel Marques, por ordem do chefe da Legião, Albano. Seis operários agrícolas, de Sines, foram detidos pela GNR apenas por terem chamado «rabos de porco» a alguns «amarcelos».

As rusgas e assaltos continuam. A PIDE assaltou uma tipografia legal no Alto do Pina apenas por ter editado um folheto de individualidades católicas contra a repressão. O mesmo fizeram à Leitaria Bifon Cristal, cujo dono prenderam. Uma taberna de Sacavém foi assaltada e os seus frequentadores revistados e identificados.

Também em Sacavém, na estrada para Moscavide, agentes da PIDE detinham e revistaram todos os transeuntes.

O que se passa nas cadeias é realmente alarmante. Em Peniche acaba de impor-se aos presos um parlatório que constitui um humilhante vexame a patriotas honrados e suas famílias. Nesta fortaleza presos políticos como os patriotas Alvaro Cunhal, Francisco Miguel, Manuel Rodrigues da Silva, Manuel Guedes e outros, continuam encarcerados com as penas terminadas há vários anos.

No forte de Caxias sucedem-se os castigos contra os prisioneiros políticos, homens e mulheres. Durante a noite a PIDE submete ali os filhos e filhas do nosso povo às mais bárbaras torturas.

Nos tribunais, juizes venais, fiéis serventúrios da PIDE, aplicam pesadíssimas penas aos patriotas. Severino Falcão, democrata alhandrense, unicamente por se ter manifestado na última campanha eleitoral, foi condenado a 5 anos de prisão maior

e 3 de «medidas de segurança». É toda uma situação de horrores, torturas, ilegalidades a que é preciso pôr termo. Impõe-se que todos os portugueses de coração, que toda a gente de sentimentos humanitários elavem o seu protesto junto do governo salazarista! A uma tal onda de repressão é preciso opôr uma verdadeira frente nacional contra a repressão! Apelo aos patriotas e democratas e anti-salazaristas, no sentido de se erguer uma tal frente.

Apelamos para a solidariedade internacional, para que se proteste junto do governo de Salazar, contra os seus bárbaros métodos repressivos.

Unamos todas as nossas energias para obrigar o governo a recuar e para que seja promulgada uma imediata AMNISTIA a todos os presos e perseguidos políticos! Que cessem as prisões e as torturas da PIDE!

Que seja ordenado um inquérito aos crimes destes bandidos tal como foi solicitado por numerosas individualidades de todas as tendências!

Por telegramas provenientes de Inglaterra ficou o público das cidades de Lisboa e do Porto a saber que as empresas monopolistas estrangeiras que exploram as comunicações telefónicas nas duas cidades e seus arredores e as comunicações urbanas no arrabalde de Lisboa, tinham pedido ao governo de Salazar autorização para elevarem as tarifas das chamadas telefónicas e dos transportes nos eléctricos e auto-carros. Como de costume, o governo de Salazar não se achou na obrigação de dar qualquer informação ao povo, quer contrária, quer favorável.

Não foi por mera coincidência que estes pedidos de elevação das tarifas das chamadas telefónicas e dos transportes urbanos se fizeram por ocasião do lido apreçoado visita da princesa Margarida de Inglaterra a Portugal. É QUE ESSE É O PREÇO COBRADO PELOS MONOPÓLIOS INGLESES AO GOVERNO PORTUGUÊS POR TAL VIAGEM, QUE SERVIU POLÍTICAMENTE O ABALADO E DESPRESTIGIADO REGIME SALAZARISTA.

A Companhia dos Telefones (The Anglo-Portuguese Telephone Co.) é a empresa monopolista inglesa actuando no estrangeiro que mais altos dividendos oferece aos seus accionistas, andando os seus lucros líquidos anuais à volta de 23.000 contos e encontrando-se à sua frente no nosso país alguns salazaristas de vulto, como Augusto de Castro (director do «Diário de Notícias»), Eduardo Pinto Basto e outros.

A Carris de Ferro de Lisboa (Lisbon Electric Tramways) está muito ligada à Companhia dos Telefones e também ao Midland Bank (o qual por sua vez está muito ligado ao monopólio das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade de Lisboa) e tem, em Londres, lucros líquidos à volta de 20 mil contos. Para cumprir as suas negociações no nosso país este rondonso monopólio tem em Portugal uma sociedade subsidiária (a Companhia Carris de Ferro de Lisboa) à qual se encontram ligados salazaristas deslocados como o general Pereira Coutinho, o Duque de Palmela, Francisco Vieira Machado e outros. A Carris de Lisboa apresenta nos seus relatórios de contas, publicados em Portugal, lucros líquidos anuais puramente irrisórios — inferiores a 100 contos!... Esta burla é de tal maneira escandalosa que o governo foi obrigado a publicar uma portaria, determinando que os impostos a pagar por esta sociedade fantasma se fariam partindo do princípio que os seus lucros líquidos anuais seriam sempre da ordem das dezenas de milhares de contos...

Existe em Londres uma sociedade de «Amigos de Portugal» (Anglo-Portuguese Society), de que é presidente o principal accionista das Minas de S. Domingos e de que é vice-presidente o principal accionista da Companhia dos Telefones e da Carris de Ferro, Sir Alexander Roger, banqueiro em Londres e tubarão da alta finança britânica condecorado pelo governo de Salazar. Nesta sociedade de «Amigos de Portugal» são frequentemente homenageados em Londres os governantes salazaristas e lá se cozinham grandes negócios lesivos das interesses nacionais. Por exemplo: a Feira das Indústrias Britânicas em Lisboa foi organizada pela Federação das Indústrias Britânicas, organismo da alta finança inglesa de que é vice-presidente Sir Alexander Roger, administrador da Carris de Ferro de Lisboa e da Companhia dos Telefones, que, ao mesmo tempo que organizava a exposição, a vinda da princesa e do «Tatoo», pediu a Salazar a elevação das tarifas dos telefones e das passagens nos eléctricos e auto-carros...

O isolamento político de Salazar e da sua pandilha política leva-o a comprometer por qualquer preço o apoio político, directo ou indirecto, dos círculos governantes estrangeiros. Esta exposição e viegem da princesa Margarida de Inglaterra pode vir a custar ao povo português mais caros nos telefones e bilhetes nos carris, nos eléctricos e auto-carros da Carris. Por outro lado os transportes colectivos do Porto foram aumentados e as tarifas da electricidade de Coimbra vão ser também aumentadas.

Este aumento de tarifas, preparado pelos monopólios e consentido pelo governo de Salazar, exige desde já e oção unida e organizada contra tais aumentos. A semelhança do que se tem feito com êxito em outros casos idênticos, impõe-se a formação imediata de comissões amplas representativas dos interessados que junto dos poderes públicos organizem desde já um vasto movimento de protesto contra mais este roubo aos magros orçamentos familiares do motorista do povo português.

o Partido de Salazar 100.00  
repressão fascista 5.647.00  
socialismo (2 democ.) 30.00  
Pescadores revolucionários 90.00  
Por novas lutas de massa 13.000.00  
Pale reforma agrária 5.00  
Pró-amnistia V 50.00  
Pela Paz 100.00  
Pela queda de TOTAL: 686.624\$00

## Contra a carestia da vida!

### POR AUMENTO DE SALÁRIOS, JORNAS E ORDENADOS

O custo da vida continua a subir assustadoramente sem o devido aumento de salários, jornas, ordenados e vencimentos.

A miséria da classe operária e de todos os trabalhadores é cada vez maior. Mas os lucros dos monopolistas nacionais e estrangeiros, protegidos pelo governo fascista de Salazar e a sua camarilha corrompida aumentam constantemente e são uma verdadeira afronta às privações do povo português!

Trabalhadores de todas as profissões! Organizai, unidos, a vossa luta contra a miséria e a exploração! Nos sindicatos e nos locais de trabalho exige o aumento imediato dos salários, jornas, ordenados e vencimentos!

Mulheres portuguesas! Unidas e organizadas protestai nos mercados e junto das autoridades, contra a carestia da vida! Exige o aumento de salários das mulheres trabalhadoras de Portugal e apoiai a luta dos vossos maridos, irmãos e filhos!

Avante na luta contra a exploração e a miséria!

## QUANTIAS RECEBIDAS DE AMIGOS DO PARTIDO

ABRIL DE 1959	Amigo da Pátria	10.00	Jaime Serra	426.00	lucionário	100.00
Abaixo o fascismo	Álvoro	17.50	J. J. Martins		Serrador (1)	7.50
Ajuda ao P.	Cunhal (T)	100.00	Rodrigues	100.00	Serrador (2)	7.50
Alex	Álvoro	500.00	João (B)	500.00	Terruto (X)	139.50
Apelo urgente	Cunhal (X)	533.00	Jorge Amado	18.00	Trio Vermelho	10.00
Amigos de Georgette (?)	Paz (1)	50.00	José Vitoriano (S)	55.00	Tupolev	30.00
Branco	Amigo do P. (S.M.)	55.00	Jovens amigos	850.00	Um amiga d'P.	5.00
Contra Salazar	Amigo do P.	4.00	Liberdade para A. C.	220.00	Um amigo de Paz	3.00
Demissão de Salazar	Amigo do P. (X)	5.00	Liberção Nacional	1.000.00	Um amigo do Bem	20.00
Ensino livre	Amigo do socialismo	500.00	Liberção Nacional (B)	31.50	Um anónimo	15.00
Esperança vermelha	Ao Partido	20.00	Liberção Nacional (B)	31.50	Um viário (2)	8.00
Grupo Dimitrov	Benito Caração	48.50	Liberção Nacional (B)	31.50	Um mecânico	10.00
Guilherme de Carvalho	Benito Gonçalves (P)	32.50	Liberção Nacional (B)	31.50	Uma vida	20.00
Jaime Serra	Casali democrático	500.00	Liberção Nacional (B)	31.50	Unidade	50.00
Lista n.º 9	Cachin	240.00	Liberção Nacional (B)	31.50	União faz a força	8.00
« 10	Cinema		Liberção Nacional (B)	31.50	Um lavrador	500.00
« 11	Socialista	500.00	Liberção Nacional (B)	31.50	Vai-te Salazar	20.00
« 12	Colêlia (S)	1.127.50	Liberção Nacional (B)	31.50	Vassiliev	50.00
« 13	Idem	218.10	Liberção Nacional (B)	31.50	Veterinário	
« 14	Costa do Sol		Liberção Nacional (B)	31.50	democrata	100.00
« 15	Vermelho	24.00	Liberção Nacional (B)	31.50	Idem	250.00
« 16	Corriceiros (S)	12.00	Liberção Nacional (B)	31.50	Vidreiro vermelho	100.00
« 17	Direitos humanos	9.50	Liberção Nacional (B)	31.50	Vox Populi	50.00
« 18	Dois amigos	10.00	Liberção Nacional (B)	31.50	1 casal	20.00
« 19	Escritor progressivo	20.00	Liberção Nacional (B)	31.50	3.ª República	50.00
Maria Machado	Estrela do Oriente	42.50	Liberção Nacional (B)	31.50	5 de Outubro	100.00
Mecânicos Militares	Empregado progressivo	100.00	Liberção Nacional (B)	31.50	8 de Março	40.00
Mulheres Progressistas	Extinção da PIDE	100.00	Liberção Nacional (B)	31.50	31 de Janeiro	40.00
Nogueira	Família presos políticos	100.00	Liberção Nacional (B)	31.50	JUNHO	
O Partido vence	Fora com Salazar	95.00	Liberção Nacional (B)	31.50	Abaixo a tirania de Salazar	150.00
Seguros do Futuro	Fortaleçamos a Unidade	500.00	Liberção Nacional (B)	31.50	Abaixo Salazar (A)	100.00
Uma amiga da liberdade	Fevereiro vermelho (?)	50.00	Liberção Nacional (B)	31.50	Abaixo Salazar (B)	3.50
Um amigo Vai-te embora	Fraternidade proletária	50.00	Liberção Nacional (B)	31.50	Abriu Vermelho	50.00
Salazar	Georgette (X)	15.00	Liberção Nacional (B)	31.50	A caminho do Socialismo	630.00
Vai-te Salazar	Idem	15.00	Liberção Nacional (B)	31.50	A criança e a Bomba	23.00
Vidreiro Vermelho	G. Dimitrov	200.00	Liberção Nacional (B)	31.50	Alfaiate	
MAIO	« « Extrá	500.00	Liberção Nacional (B)	31.50	Vermelho	40.00
A paz vencerá a guerra	Guilherme de Carvalho (P)	20.00	Liberção Nacional (B)	31.50	Algarve em Marcha	21.00
Abaixo o salazarismo	Guilherme (P)	10.00	Liberção Nacional (B)	31.50	A memória de C. Eufémia	33.00
Avante até à vitória final	Guilherme (PP)	20.00	Liberção Nacional (B)	31.50	Amigo do Partido	2.50
A. B. C.	Honra a Alvaro Cunhal	20.00	Liberção Nacional (B)	31.50	Idem	2.50
Avante no Plano Septenal	Jovem pioneiro	118.00	Liberção Nacional (B)	31.50	Amigo da Pátria	10.00
Alfabeto (B)			Liberção Nacional (B)	31.50	Amigo do mar	500.00

Camponeses S.	10.00	Outubro verm.	50.00
Camponeses Vermelhos	20.00	Para o comunismo	50.00
Corriceiros		Para os presos políticos	46.50
Amigos do Partido	10.00	Paz	5.00
Idem	10.00	Pela libertação dos presos políticos	437.50
Dois amigos do Partido	20.00	Pela reforma agrária	4.50
Dois músicos amigos do Partido	20.00	Pela unidade das mães	250.00
D. Quixote	80.00	Pela unidade dos pescadores	72.00
Duma amiga do Partido	20.00	Pela reforma agrária	4.50
Enfermagem socialista	20.00	Pela unidade dos pescadores	72.00
Firmeza ante o inimigo	150.00	Pela unidade dos pescadores	72.00
Fora Salazar	10.00	Pela unidade dos pescadores	72.00
Glória ao P. C. P.	100.00	Pela unidade dos pescadores	72.00
Industrial amigo do Partido	100.00	Pela unidade dos pescadores	72.00
Idem	100.00	Pela unidade dos pescadores	72.00
J. F. V.	50.00	Pela unidade dos pescadores	72.00
José Vitoriano	32.00	Pela unidade dos pescadores	72.00
Kozlov B.N.S.	90.00	Pela unidade dos pescadores	72.00
Marta	20.00	Pela unidade dos pescadores	72.00
Mineiros verm.	9.00	Pela unidade dos pescadores	72.00
Moonik	300.00	Pela unidade dos pescadores	72.00
O futuro será nosso	118.00	Pela unidade dos pescadores	72.00
Operários ami. da Paz (H)	25.00	Pela unidade dos pescadores	72.00
Idem	25.00	Pela unidade dos pescadores	72.00
Os ferroviários lutam	26.00	Pela unidade dos pescadores	72.00
TOTAL:	27.276\$60		

## PARA OS MIL CONTOS

Transp. 624.970\$70	Fora com Salazar	20.000\$00
Ajuda democrática	Idem (R)	1.000\$00
À memória de Alfredo	Glória a Marcel Ca-	228\$50
Dinis (1)	Libertação de	50\$00
Amnistia	Alvaro Cu-	10.000.00
Anónimo T	Idem (X)	5.000.00
Anónimo	Idem	1.500.00
Guerra	Manuel Guedes (C)	87.50
Carlos Costa R	Maria Luísa Dias	1.000.00
Construção ci-	Maridino II	90.00
vil socialista	Nossos filhos	60.00
Camponeses	Os trabalha-	87.00
vermelhos	dores lutam	87.00
Contra a repres-	O Partido é in-	0.42.30
são fascista	venível 5.02.30	
Corriceiros ami-	Pablo Neruda	40.00
gos do Partido	Para a defesa	5.000.00
Coupon	do Partido	5.000.00
Emancipação dos trabalha-	Para defender	20\$00
dores		
« das mulheres		
Ferrovários		

# A REUNIÃO DO COMITÉ CENTRAL

(continuação da 2.<sup>a</sup> pág.)

todas as suas energias para o mesmo objectivo — «a demissão de Salazar e a constituição dum Governo de ampla representação nacional que se proponha realizar as aspirações consubstanciadas nos programas eleitorais dos dois candidatos da Oposição às eleições presidenciais, General Humberto Delgado e Dr. Arlindo Vicente.

«Na base duma larga unidade, poder-se-á incrementar rapidamente a actual campanha nacional pela demissão de Salazar».

A unidade de acção das forças anti-salazaristas é decisiva para se conseguir este objectivo.

O Partido Comunista tem desenvolvido o melhor dos seus esforços e energias para unir as forças oposicionistas, tem feito inúmeras propostas para a unidade de acção de todos os anti-salazaristas na base de problemas concretos e dum programa comum de luta, sem que os seus apelos e iniciativas tenham encontrado da parte de alguns dirigentes democráticos o acolhimento que seria de desejar. Vários destes democratas não foram ainda capazes de esquecer velhos ressentimentos cuja subsistência na actualidade é um factor de emperramento da luta contra Salazar.

Causas diversas têm impedido uma necessária aglutinação de esforços e acções.

Uns por receio das massas populares, outros por confiarem exclusivamente numa acção de carácter militar ou terrorista, desligada das massas, outros ainda por receio de retaliações indiscriminadas ordenadas pelos comunistas.

Principalmente, as tendências puchistas sempre prejudicaram enormemente a luta contra Salazar e o seu regime. O golpe militar adormece as forças populares, canaliza os acontecimentos num sentido não democrático e rouba energias à movimentação geral da Nação contra Salazar.

Por outro lado, «na base dos golpes militares falhados, Salazar tem sempre aproveitado para alargar a repressão contra o movimento popular, para estender a sua campanha de calúnias» e para prolongar a sua estadia no Poder.

Mas o obstáculo principal à unidade das forças oposicionistas «é o anti-comunismo instilado por todos os meios pelo regime salazarista».

## O anti-comunismo arma de divisão do salazarismo

Salazar está vitalmente interessado na divisão das forças anti-salazaristas e em especial em afastar dos comunistas as restantes forças da oposição. Essa é a sua principal arma para enfraquecer e derrotar as forças oposicionistas.

Os salazaristas esforçam-se por isolar e destruir o Partido Comunista. Milhares de polícias, meios poderosos são postos em acção contra os comunistas, que sofrem o principal embate da repressão salazarista. Toda a máquina de propaganda do inimigo procura denegrir a acção dos comunistas portugueses e caluniar a acção e o papel da União Soviética. O documento do C.C. desmascara esta manobra e calúnias de Salazar salientando as razões nacionais do Partido Comunista e a não-ingerência da União

Soviética nas questões internas dos outros povos.

Mas o anti-comunismo do governo desenvolve-se também no terreno social, através duma política conducente ao agravamento dos conflitos de classe com vistas a impedir a aliança da burguesia nacional na luta contra o seu regime e assim facilitar a exploração dos monopólios. Igualmente no plano político atribuiu a propaganda inimiga objectivos terroristas e de subversão social.

Muitos anti-salazaristas «não mordem já o isco do anti-comunismo lançado por Salazar e os seus comparsas». Mas alguns sectores devido a fortes solicitações de classe vacilam e outros combatem mesmo a aliança com os comunistas.

Entretanto, «nem os militares, nem ninguém, tem nada que temer dos comunistas». A nossa política não tem fins ocultos, ela consiste em unir todos os que estão contra Salazar, conquistar a democracia e o progresso social.

A luta não vai ser fácil. Ante os esforços do salazarismo para se recompor das suas derrotas políticas, ante a crescente agressividade das forças mais reacçãoárias que manobram por detrás de Salazar, impõe-se despirmo-nos de todo o preconceito político, de toda a discriminação unitária para que a Nação fortemente unida possa libertar-se dos seus opressores.

## Por uma jornada nacional pacífica contra Salazar

Em seguida, o documento do C. C. apela para a preparação e organização de uma grande jornada nacional para a demissão de Salazar, a qual poderá abalar profundamente o regime.

Nesta jornada nacional de luta, todas as classes, todas as forças políticas da oposição, todos os portugueses amantes da liberdade e do progresso da pátria podem e devem dar a sua contribuição das formas mais variadas, inclusivamente através «duma greve política que paralise a acção de Salazar e da sua camarilha».

O Partido Comunista Português considera que, para o desencadeamento da jornada, terá grande im-

portância intensificar desde já a acção de todos os movimentos da oposição, incentivar e ampliar as lutas das classes trabalhadoras, forjar uma ampla frente nacional contra a repressão, reforçar e alargar a Junta Nacional de Libertação à escala nacional de forma a poder assegurar a coordenação da acção legal e ilegal, no plano local e nacional, além de outras medidas que venham a ser tomadas pelas forças que apoiarem e encabeçarem a jornada».

Nesta jornada o nosso povo espera que os elementos honrados da GNR, da PSP e da Legião «tudo façam para não quebrarem os laços que os unem ao seu povo» recusando-se a colaborar com a PIDE na repressão e a servir de instrumentos na política de ódio de Salazar.

O documento termina com dois apelos que são duas aspirações profundas do nosso povo: «avante por uma grande jornada pacífica para a demissão de Salazar! Avante pela unidade da nação portuguesa contra o regime salazarista, inimigo da pátria!».

## O reforçamento do internacionalismo proletário

Ao entrar no terceiro e último ponto da sua Ordem do Dia o C.C. tomou conhecimento e discutiu o trabalho da Comissão Política e do Secretariado do C.C. para reforçarem, tanto ideologicamente como na acção prática, nas fileiras do Partido, o internacionalismo proletário.

O.C.C. tomou conhecimento com alegria do resultado político da troca de impressões que as suas delegações ao XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética e aos congressos do Partido Unificado dos Trabalhadores Polacos e do Partido Socialista Unificado da República Democrática Alemã tiveram com os representantes dos partidos comunistas irmãos, o ambiente de interesse e carinho pela luta do povo português que encontraram por parte dos delegados presentes a estes congressos, o trato fraternal que com eles tiveram.

## SEGUNDO E CONFORME...

O Imperador da Etiópia, Hailé Selassié, tem andado a percorrer vários países do mundo. Na União Soviética, onde esteve 15 dias e onde assinou um importante tratado comercial, o imperador mostrou a sua admiração pelas grandes obras do comunismo que viu, tendo visitado centrais eléctricas gigantes, grandes fábricas e centros de repouso e de descanso dos trabalhadores soviéticos. Na República Popular da Checoslováquia Hailé Selassié visitou creches, fábricas novas e importantes centros de assistência aos trabalhadores, que muito admirou.

Nos discursos feitos na União Soviética e na Checoslováquia o imperador da Etiópia salientou a concordância dos países socialistas com os princípios anti-colonialistas das Conferências de Bandung e de Accra e a simpatia e apoio desses países à luta libertadora dos povos africanos e futuro do continente africano, a que a Etiópia pertence.

No programa oficial da visita do imperador da Etiópia a Portugal, elaborado pelo governo de Salazar, figuraram, além dos clássicos banquetes e passeios de turismo a Sintra, Cascais, Estoril, Mafra, Batalha e Alcobaca, a visita ao Campo de Manobras de Santa Margarida e à base aérea da Ota, onde o imperador assistiu a grandes desfiles militares.

Cada governo mostra o que tem feito e em que cuida. Nos países socialistas, o imperador Selassié viu o carinho dos governantes pelo bem-estar dos seus povos, pelo progresso do país e pela emancipação dos povos africanos oprimidos. Em Portugal, o imperador dos etíopes vê o desvelo dos salazaristas pela preparação para a guerra, a ausência duma política de valorização das riquezas nacionais e o colonialismo mais feroz.

O C.C. também discutiu o resultado da troca de experiências entre as delegações do nosso Partido e dos partidos comunistas irmãos da Itália, da França e da Espanha, feita num ambiente fraterno e de compreensão mútua.

O C.C. considerou que este estreitamento dos laços que unem o P.C.P. aos outros partidos irmãos reforçará ideologicamente o Partido e tornará os seus militantes mais conscientes dos seus deveres perante o nosso povo e o movimento operário internacional.

Esta reunião do C.C. veio provar mais uma vez a unidade monolítica da Direcção do Partido. Esta reunião é mais uma prova também da capacidade que o Partido tem de recompor-se dos golpes sofridos e de sacar lições dos próprios reveses.

## PORTUGAL, PAÍS POBRE?

Escutemos o que nos diz um camponês alentejano:

Tivemos ocasião de ouvir das bocas salazaristas, durante a campanha eleitoral que passou, mil vezes repetido, a evasiva do «Portugal, país pobre». Se isto fosse uma realidade teríamos de reconhecer também. Mas desçam aqui, a estas paragens do Alentejo; passem aqui a esta terra, onde os soldados da Guarda Republicana roubam meia dúzia de quilos de azeitona que uma camponesa rabiscou durante um dia inteiro e depois vão entregar aos grandes agrários, que dão essa azeitona aos porcos; aqui, nesta terra, onde se enterra o peixe, como adubo das terras, só para se não vender mais barato ao povo; deem uma saltada até à vastidão da Herdade dos Machados e verão os bois a lavar, enterrando toneladas daquele fimo já passado, em que ninguém pode focar, que aqui se vende a 20000 a arroba, veriam entrar-lo como se duma verdadeira sementeira se tratasse; penetrem nessa herdade nas zonas dos trigais e das cevadas e verão que, enquanto os camponeses sofrem uma vida de privações, por estarem desempregados, as searas capitulam perante a erva que o patrão não quer mandar moidar; avancem nessa herdade até onde se encontram preciosas faixas de terreno fértil, onde durante períodos de 5, 6 e 7 anos apenas cresce a erva, que nem sequer tem gados que a aproveitem; vão até ao lagar dessa herdade e verão o azeite a correr água abaixo, por um tubo se ter quebrado, isto com inteiro conhecimento do responsável e irresponsável feitor, que só tenciona mandá-lo concertar para o próximo ano; ouçam as lamentações de tantos e tantos careiros a quem esse feitor recusa dar terras para desbravar e cultivar por curtos anos apenas; inspecionem os loucos trabalhos ligados à arrecadação das sementes para as ciras e sua debulha, que, segundo o pinião geral, a quinta ou sexta parte da semente fica perdida pelos restos (pois as máquinas só param quando não rodam — é a ordem terminante do feitor); desloquem-se também até à Herdade do Albarrão e verão como se entregam toneladas daquele fruto que aqui se vende a 2800 o quilo, e que se chama azeitona; detenham-se aí e reparem nesses centenos de hectares de terra preciosa, melada a bravia, onde os junchos e os gamões se metem pela rama dos oliveiros; e, de regresso, vejam como na Herdade dos Alpendros se encerram 10 toiros bravos numa cerca de 20 hectares de boa terra que, cultivada, daria 30 toneladas de trigo e assim abandonada a uma dezena de bichos, nem sequer um bogo dá (nessa herdade o patrão tem uma aranja, que mandou construir só para poder ver lustrar os seus toiros de rega por loureiros que às vezes capvida para usse fim). Vejam a situação da terra portuguesa e a acção parasita dos grandes agrários e verão, concretamente, as causas porque Portugal é um país pobre. Isto é visto e conhecido por todos os camponeses.

Não, não é preciso cá virem, pois esta situação existe um pouco por toda a parte. Além disso, têm por aqui uma eficiente distribuição de postos da Guarda Republicana para impedir que esta trágica situação seja conhecida e combatida. Todos sabem que o manhoso subterfúgio «Portugal, país pobre» se tornou de tal modo evidente, que já não consegue mascarar os nocivos resultados da porca administração salazarista e dos seus prometidos frutos «a longo prazo».

Em Leninegrado existe uma fábrica de calçado, onde todos os trabalhos estão mecanizados, que produz 70 mil pares de sapatos por dia, mas que procura elevar a produção de forma a cumprir o plano septenal em 6 anos.

Na fábrica trabalham 12 mil operários (82% são mulheres), 2.050 pertencem à organização da juventude (Komsomol) e cerca de 10.000 são membros do sindicato. A fábrica, que já possui 12 condecorações do Governo em virtude do seu intenso labor, traçou o plano de satisfazer completamente nos próximos 4 ou 5 anos as necessidades de vivendas para os seus operários, não obstante os planos anteriores preverem um prazo de 10 a 12 anos.

Anexa à fábrica existe uma escola secundária onde estudam mil-trabalhadores da fábrica e seus filhos, além duma escola de qualificação nocturna. Todos os jovens de 16 aos 18 anos trabalham somente 6 horas por dia.

A fábrica tem também um hospital privativo, 4 jardins de infância, sanatório e casas de reponso, 3 bibliotecas (de literatura, técnica e marxista), etc.

Quando nos lembramos da miséria em que vivem os nossos operários de sapataria e da crise em que se debatem os centros industriais de calçado de S. João da Madeira, Guimarães, etc., confrontando com o crescente bem estar dos operários soviéticos, melhor compreenderemos o abismo que separa o regime socialista soviético do regime de fome e miséria de Salazar.

Perto da heróica cidade de Stalingrado está-se construindo uma central hidro-eléctrica que será uma das maiores da União Soviética e a maior do mundo. A sua produção será superior a toda a energia eléctrica produzida na Rússia antes da gloriosa revolução socialista de Outubro.

Presentemente já estão laborando 3 das 22 turbinas de 115.000 kw cada, cujos trabalhos deverão ficar completados em fins de 1960. A central terá um comprimento total de 5 quilómetros, duas represas com a altura de 26 metros para permitir a passagem de barcos de grande tonelagem, além de passagens especiais para as várias espécies de peixe; sobre a barragem passará uma auto-estrada, uma ponte para caminho de ferro, etc.

Na edificação desta colossal obra de engenharia trabalham 35.000 construtores, para os quais foi construída, especialmente, uma cidade com habitações modernas possuindo todas as comodidades e na qual vivem 67.000 habitantes. Nesta cidade foi também construído um estádio para 10.000 pessoas, uma piscina coberta com água quente, um teatro, uma ampla casa de cultura, etc.

Este desvelo do Partido e do Governo da União Soviética pelos trabalhadores soviéticos evidencia bem o contraste existente com o desprezo a que são votados pelo governo de Salazar os trabalhadores portugueses que têm construído barragens no nosso País.

Nacidade de Leninegrado, berço da Grande Revolução de Outubro,

existe a maior fábrica de turbinas do mundo. No seu labor pacífico a fábrica está construindo turbinas para as novas e potentes centrais eléctricas da União Soviética e também para outros países socialistas.

Algumas delas têm a potência de 215.000 Kw (para a central hidro-eléctrica do Angara) e outras, térmicas, de 600.000 Kw. Para se avaliar a sua extraordinária potência bastará dizer que 600.000 Kw é a potência total das turbinas da célebre central de Dnieptrowki.

Nesta grande fábrica trabalham 11 mil pessoas das quais 2.800 são mulheres e 60% jovens.

Devido ao desvelo do Partido e do Sindicato, a situação material e cultural dos trabalhadores da fábrica melhora continuamente. Com o auxílio da fábrica, cada família pode construir uma pequena casa de-verão, além das habitações que são construídas pela fábrica para os operários, com a ajuda do Estado.

As mulheres que amamentam filhos têm uma hora de descanso sem diminuição de salário. A fábrica

possui amplos refeitórios, com refeições completas a preços-reduzidos, um hospital com capacidade para 750 pessoas e apetrechado para cirurgia, um estádio construído em 1958 e onde praticam desportos mais de 1.000 operários da fábrica. Possui também um coro com 200 figurantes e mais de 500 trabalhadores participam nos diversos círculos de cultura. Existem, além disso, vários jardins de infância, creches, etc.

Anexa à fábrica existe uma escola técnica média onde todos poderão estudar, além dos estabelecimentos infantis onde estudam os filhos dos trabalhadores da fábrica. Para estes existe ainda um campo de pioneiros onde poderão passar o verão.

Com a realização grandiosa do Plano Septenal, a situação dos trabalhadores soviéticos sofrerá uma ascensão ainda maior, o seu bem estar melhorará ainda mais. Somente o socialismo, que utiliza as energias do homem num trabalho pacífico e criador, poderá oferecer tais perspectivas aos trabalhadores.

## MAIS DOIS EXEMPLOS SIGNIFICATIVOS

Ainda sobre as passeatas propagandísticas do caixeiro viajante-do-salazarismo, Américo Tomás, informamos que na sua visita a Tancos a oficialidade fez orelhas moucas ao convite para levarem as suas esposas à festa, na piscina. Por outro lado muitos oficiais, embora convidados, não foram à festa retirando-se ostensivamente para Lisboa.

Não tem menor significado o que se passou no final da Taça de Portugal, no Estádio Nacional. Convencido de que ia ser aclamado, Américo Tomás desceu ao rectângulo para entregar a Taça ao clube vencedor. Mas a coisa passou-se de maneira diferente: O povo que se estava manifestando alegremente, quando viu o presidente usurpador descer ao relvado, calou-se súbitamente, numa atitude hostil e indiferente. E só voltou a mostrar o seu entusiasmo e alegria quando Américo Tomás saiu do relvado e o capitão do Benfica exibindo a Taça se virava para o público.

Não são estes dois exemplos bem significativos?

## O estafado disco das "Ordens de Moscovo" LÁ VAI TOCANDO...

No seu afã anti-comunista, Salazar e os seus comparsas lançam mão das invenções e calúnias mais absurdas para denegirem a acção dos comunistas portugueses e enfraquecerem o prestígio e a influência do Partido Comunista junto das massas populares.

Neste capítulo a imaginação dos fascistas chega a ser delirante. Depois das declarações à imprensa do director da PIDE e do ministro do Interior coube agora a vez ao deputado-pólicia André Navarro de destilar a sua bilis anti-comunista, este, em plena tribuna da Assembleia Nacional. Compreende-se que naquela sensaboria da Assembleia Nacional os senhores deputados tenham de vez em quando necessidade dum intermédio mais ou menos cómico-policia. A este respeito o engenheiro André Navarro serviu-lhes um bom episódio com uma diabólica engrenagem internacional montada para fazer cair Salazar, com ligações subterrâneas, correios secretos, etc., etc., etc.

Pretende ele que o Partido Comunista Português é comandado do exterior pelo Partido Comunista Italiano donde recebe, além disso, «o dinheiro de Moscovo»...

Enfim, uma estafada história com novas variantes.

O camarada Palmiro Togliatti, secretário geral do Partido Comunista Italiano, deu já a tais calúnias a justa resposta. Transcrevemos do jornal «Unità» a carta por ele enviada ao «deputado» André Navarro:

«Não tenho a honra de conhecê-lo, mas em relação às afirmações por si feitas acerca de funções que me caberiam de dirigir o movimento comunista popular de Portugal, desejo dizer-lhe e mais particularmente à opinião pública democrática portuguesa, que um desmentido é mesmo supérfluo. Trata-se antes de tudo duma vulgar contrafacção da verdade. Entre outras coisas, tenha presente que o aumento do tráfego marítimo com Portugal foi realizado pelos armadores italianos dos quais nenhum é comunista. Todos os Partidos Comunistas se dirigem por si próprios de modo plenamente autónomo. A fraterna solidariedade dos comunistas de todo o mundo não destrói este princípio fundamental. A classe operária, os camponeses e todas as forças democráticas de Portugal não têm necessidade de nenhuma direcção exterior ao seu país para conseguir conduzir até à vitória a luta pela restauração dum regime democrático e pelo progresso social.»

República Democrática Alemã—o controle das vias de acesso à cidade, as quais se fazem através do território da R. D. A.. Ao mesmo tempo que apresenta esta sugestão, a URSS defende o ponto de vista que a unificação das duas Alemanhas é um problema que só diz respeito ao povo alemão e que é a este, portanto, que cabe decidir quando e como se deve fazer tal unificação.

As propostas e sugestões soviéticas causam profundo alarme entre os nazis e revanchistas de Bonn que querem manter indefinidamente o regime de ocupação na Alemanha Ocidental, pois sabem que só desta forma poderão travar a marcha do povo alemão para a democracia e evitar que ele expulse do poder o governo do Dr. Adenauer. Os monopolistas da Alemanha Ocidental contam com a protecção americana, inglesa e francesa para dominarem o povo alemão e o manterem dividido, já que se sentem impotentes para subjugar a R. D. A.; sem essa protecção os monopolistas e reaccionários estarão condenados a uma existência muito curta.

A posição dos círculos reaccionários da Alemanha Ocidental encontra franco acolhimento nos governantes norte-americanos, nos dégaullistas e nos regimes fascistas de Salazar, Franco e outros. Porém, a opinião pública internacional exige a solução rápida do problema de Berlim, repudia abertamente a ideia dum conflito internacional por causa de Berlim. Os governantes ingleses, pressionados pela opinião pública do seu país e em conflito crescente de interesses económicos com os trustes da Alemanha Ocidental (pois estes estão a ocupar em muitos países o lugar que antes pertencia aos ingleses, como sucede por exemplo em Portugal) não apoiam já abertamente o Dr. Adenauer e chocam-se, de certa maneira, com a posição dos governantes americanos e franceses quanto a Berlim.

A falta de interesse dos círculos governantes ocidentais em encontrarem uma solução justa do problema de Berlim—por transitória que seja—, aliada às suas divergências de opinião a tal respeito, fizeram arrastar a Conferência de Genebra e provocaram o seu encerramento sem resoluções concretas.

No entanto, a Conferência de Genebra permitiu aclarar dúvidas e definir posições. Ante a pressão da opinião pública mundial as nações participantes dessa conferência terão de ir para uma conferência de alto nível. Por outro lado, a marcha dos acontecimentos levou o presidente dos Estados Unidos a convidar Nikita Krutchov, presidente do conselho de ministros da União Soviética, a visitar os Estados Unidos, visita que será retribuída pelo presidente dos Estados Unidos com uma digressão pela União Soviética.

As conversações que tais visitas permitirão realizar representam um importante passo para o desanuviamento da situação internacional e para a solução do problema de Berlim.